

A VINCULAÇÃO ÀS FIGURAS PARENTAIS, PARCEIRO ROMÂNTICO E MELHOR AMIGO E A VIVÊNCIA DA INCERTEZA

Pacheco, Lara; Coimbra, Joaquim Luís

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – Porto/Portugal

sofia.lara.p@gmail.com; jcoimbra@fpce.up.pt

Nas actuais e complexas sociedades ocidentais, os indivíduos experienciam situações de crescente incerteza que, frequentemente, reduzem a sua capacidade para, de forma autónoma, agirem sobre o presente e futuro. Esta vivência da incerteza, com profundas raízes em estruturas sociais e culturais, coloca no centro das atenções o processo psicológico de construção da coerência sobre a experiência humana de existir no mundo e a correlativa tarefa de lhe atribuir sentido/significado. Para reflectir acerca das novas formas de incerteza, são relevantes as dimensões psicológicas da sua vivência, sendo que as raízes desenvolvimentais da forma como é experienciada, assim como dos recursos pessoais e relacionais para a gerir poderão ser encontradas nas estruturas das relações de vinculação. Este estudo analisa a contribuição das dimensões de ansiedade e evitamento, na vinculação às figuras parentais, parceiro romântico e melhor amigo, nas estratégias de *coping* face à incerteza e nas consequências psicológicas da sua percepção no contexto social e relacional. Nele participaram 756 estudantes do ensino superior português. Encontraram-se relações significativas entre a ansiedade e o evitamento face às diferentes figuras e as dimensões referentes ao *coping* com a incerteza e as relativas às consequências psicológicas da incerteza. Os resultados mostram a importância de relações de vinculação de qualidade mais securizante na vivência da incerteza e põem em evidência implicações educacionais no que respeita aos desafios com que se confrontam os estudantes do ensino superior.

Enquadramento conceptual

A incerteza tem-se tornado numa nova constante da experiência humana, presente nas suas diversas dimensões, desde as mais quotidianas, às mais nucleares. As novas formas de incerteza influenciam o processo de atribuição de significados ao mundo que rodeia os indivíduos, fazendo emergir novos desafios e necessidades de actualização e revisão de estratégias de regulação da incerteza. De facto, a forma como é percebida, bem como o poder que se sente possuir para a controlar tende a influenciar as estratégias que são utilizadas para a gerir e as suas consequências na experiência individual e colectiva. Será nas estruturas das relações de vinculação e, mais concretamente, no grau de segurança que proporcionam, que poderão ser encontradas as raízes psicológicas e desenvolvimentais da forma como os indivíduos lidam com a incerteza (Coimbra, 2005). Esta necessidade de criação de ligações afectivas de proximidade é extensível a todo o ciclo vital e contribui para o desenvolvimento de um sentido interno de segurança pessoal que favorece os movimentos exploratórios em relação ao mundo, aos outros e ao *self* (Bowlby, 1969/1982, 1973, 1980). Partindo, precisamente, da análise da importância da activação do sistema de vinculação na forma como a incerteza é gerida em termos pessoais e sociais, Marris (1996) considera que tal necessidade é criada pelo

desejo de ordem e previsibilidade desenvolvido desde a infância no seio das relações de vinculação primárias. No âmbito destes laços de profundo significado são desenvolvidas expectativas referentes ao *self*, ao mundo e aos outros que correspondem aos modelos internos dinâmicos propostos por Bowlby (1969/1982). As primeiras relações de vinculação representam, desta forma, o algoritmo que permite que os indivíduos organizem a sua experiência de atribuição de significados.

De acordo com Marris (1996), as sociedades actuais tendem a gerar uma desigual distribuição do poder para controlar a incerteza, assistindo-se a uma assimetria na “lógica do controlo da incerteza”, uma vez que a vulnerabilidade que cada indivíduo experiencia ao lidar com ela depende, em grande medida, da posição que ocupa na sua sociedade. Assim, atendendo a que o controlo social da incerteza se reveste de um carácter competitivo, este tende a não proteger os mais desfavorecidos, que terão menor probabilidade de lidar de forma adaptativa com a incerteza. Os menos equipados, ao experienciarem acontecimentos imbuídos de incerteza, desenvolverão diferentes estratégias de *coping*, relativamente aos mais equipados, encontrando a instabilidade disseminada de forma transversal nas suas vidas. Os seus filhos poderão crescer com um menor sentido de confiança e segurança face à realidade, por integrarem as consequências desta ansiedade nas suas experiências de vinculação. Nesta perspectiva, Marris (1991) propõe que a insegurança, ao ser transmitida às gerações seguintes, adquire uma historicidade social e cultural.

Na actual sociedade “líquida”, o que, anteriormente, era significado como duradouro e estável, é agora instável (Bauman, 2001/2009). A aleatoriedade pauta as narrativas do indivíduo isolado e as condições de vida contemporâneas. Nenhum emprego é garantido, as posições sociais são flutuantes, a noção de insubstituibilidade deixou de ter enquadramento, as necessidades do mercado de trabalho tornaram-se variáveis e transformaram o trabalho humano em produto descartável de mercado. A flexibilidade do trabalho opõe-se a um sentimento de segurança e marca o fim do “trabalho para sempre”, dando lugar a contratos precários e temporários (quando não ao desemprego), surgindo como que uma economia política da incerteza, enquanto “conjunto de regras para terminar com todas as regras” (Bauman, 2001/2009, p.154). Tal situação coloca novos desafios, nomeadamente aos que iniciam a sua integração profissional, ou que a perspectivam num futuro próximo, como é o caso dos estudantes universitários. Cada vez mais, os percursos formativos e profissionais reflectem a metáfora dos “voos de borboleta” (Azevedo, 1999). A imprevisibilidade, a incerteza e o risco, como invariantes da experiência humana, influenciam não só esta nova condição do trabalho, mas também os percursos formativos. As certezas de outrora da formação e educação e os significados atribuídos ao trabalho encontram-se em questionamento (Gonçalves & Coimbra, 2000).

Objecto, objectivos e hipóteses de investigação

O **objecto** do presente estudo diz respeito às relações entre as estruturas de vinculação e a vivência da incerteza de estudantes do ensino superior. É nosso **objectivo geral** avaliar a contribuição das dimensões de

ansiedade e evitamento ao nível da vinculação às figuras parentais, parceiro romântico e melhor amigo, nas consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social e relacional e nas estratégias de *coping* face à incerteza. Identificamos os seguintes **objectivos específicos**: a) Perceber a contribuição das dimensões da vinculação às figuras significativas nas estratégias de *coping* e nas consequências psicológicas face à incerteza, a partir da percepção da mesma no contexto social e relacional; b) Reflectir acerca das implicações dos resultados no plano da intervenção psicológica com estudantes do ensino superior.

Bowlby (1969/1982, 1973, 1980) salientou o facto de situações geradoras de ameaça física ou psicológica poderem funcionar como activadoras do sistema de vinculação. Tal levaria os indivíduos a procurarem as suas figuras de vinculação, de forma a melhor lidarem com a situação, já que a proximidade física e emocional daí resultante promoveria sentimentos de conforto e segurança. Seguindo a mesma perspectiva, Marris (1996) propõe a vivência da incerteza como activadora do sistema de vinculação, uma vez que esta poderá também ser percebida enquanto ameaça, bem como traduzir uma experiência de incontrolabilidade, gerando sentimentos de instabilidade. Para além disso, considera que a natureza das relações que se estabelecem com as figuras parentais contribui para a forma como os indivíduos perspectivam a segurança, o controlo e a própria ordem. O autor defende que as relações de vinculação constituem fonte primária de segurança e que a “gestão” desta relação influencia a forma como os indivíduos gerem outros tipos de ordem. Assim sendo, parece existir um contributo da natureza das relações de vinculação na forma como os indivíduos lidam com a incerteza, na qual se incluem as estratégias a que recorrem. De acordo com o autor, o desenvolvimento de relações de confiança favorece uma gestão da incerteza mais adaptativa, considerando que as relações de vinculação securizantes tornariam os indivíduos mais equipados para lidar com a mesma, diminuindo as suas consequências a nível individual. Assim, propomos as seguintes hipóteses: 1) Espera-se que os estudantes que apresentem os menores níveis de ansiedade e evitamento na vinculação às figuras parentais, demonstrem menores níveis de incerteza emocional e cognitiva e níveis mais elevados de desejo de mudança; 2) Espera-se que os estudantes que apresentem os menores níveis de ansiedade e evitamento na vinculação às figuras parentais, demonstrem níveis inferiores de consequências da incerteza no trabalho e no domínio relacional e níveis mais elevados no que se refere à crença na gestão positiva da incerteza.

De acordo com Shaver e colaboradores (1988), os indivíduos experienciarão sentimentos de maior segurança quando o par romântico se demonstrasse disponível física e emocionalmente, encorajando a exploração do mundo com mais confiança. Também a figura de melhor amigo, pode funcionar como fonte de segurança, potenciando movimentos exploratórios face a outros contextos (Matos, 2002). Assim sendo, e remetendo, mais uma vez, para a contribuição de Marris (1996), formulamos as seguintes hipóteses: 3) Espera-se que os estudantes que apresentem os menores níveis de ansiedade e evitamento na vinculação ao parceiro romântico, apresentem menores níveis de incerteza emocional e cognitiva e mais elevados de desejo de mudança; 4) Espera-se que os estudantes que apresentem os menores níveis de ansiedade e evitamento na

vinculação ao parceiro romântico, demonstrem níveis inferiores no que se refere às consequências da incerteza no trabalho e no domínio relacional e mais elevados na crença na gestão positiva da incerteza; 5) Espera-se que os estudantes que apresentem os menores níveis de ansiedade e evitamento na vinculação ao melhor amigo, demonstrem menores níveis de incerteza emocional e cognitiva e mais elevados de desejo de mudança; 6) Espera-se que os estudantes que apresentem os menores níveis de ansiedade e evitamento na vinculação ao melhor amigo, apresentem níveis inferiores no que se refere às consequências da incerteza no trabalho e no domínio relacional e níveis mais elevados na crença na gestão positiva da incerteza.

Método

Participantes

A amostra é constituída por 756 estudantes de 43 instituições de ensino superior universitário e politécnico de Portugal, com uma média de idades de 21,6 anos. O género feminino é maioritário (72,8%). Verifica-se uma maior percentagem no 1º ciclo (74,1%) face ao 2º (25,9%). Relativamente ao tipo de instituição, 84,5% dos estudantes frequentam formações universitárias e 15,5% encontram-se no ensino politécnico. Quanto ao ensino universitário, 98,6% frequentam o sistema público, e, no privado, a percentagem é de 1,4%. No ensino politécnico, 81,2% frequentam o ensino público e 18,8% o privado.

Instrumentos

De forma a operacionalizar as variáveis em análise, foram utilizados os seguintes instrumentos: a) Através do **Questionário macrossistémico** foram recolhidos dados demográficos e académicos; b) A *Experiences in Close Relationships - Revised* (ECR-R – Fraley, Waller & Brennan, 2000; adapt. Martins & Coimbra, *no prelo*) baseia-se na concepção de que a vinculação adulta tem duas dimensões nucleares: a ansiedade e o evitamento. Os 15 itens foram respondidos numa escala de 7 pontos de tipo *Likert* e encontraram-se coeficientes *Alpha de Cronbach* entre .86 e .93; c) A **Escala de Resposta à Incerteza** (ERI, Greco & Roger, 2001; adapt. Casanova, Pacheco & Coimbra, 2010) avalia os estilos de *coping* face à incerteza: incerteza emocional (diferenças individuais na medida em que a incerteza é percebida como geradora de stress), desejo de mudança (caracterizado pelo gosto pela incerteza, novidade e mudança) e incerteza cognitiva (necessidade de planear o futuro, de clarificar e recolher informação para evitar a ambiguidade). Os 35 itens foram respondidos numa escala de 5 pontos de tipo *Likert* e foram encontrados coeficientes *Alpha de Cronbach* entre .82 e .91; d) A **Escala de Consequências Psicológicas da Percepção da Incerteza no Contexto Social** (ECPPICS, Casanova, Pacheco & Coimbra, 2010) relaciona-se com dimensões psicológicas da percepção e vivência da incerteza no contexto social, com enfoque nas consequências a nível pessoal e foi utilizada para medir as consequências da incerteza no trabalho (traduz preocupações do indivíduo neste âmbito), as consequências da incerteza a nível relacional (vivência da incerteza que simboliza as relações comunitárias significadas como incontrollável, levando à desconfiança face ao “outro” abstracto) e a crença na gestão positiva da incerteza (crença pessoal positiva de ser capaz de gerir o futuro, apesar de um contexto

social de incerteza). Os 10 itens foram respondidos numa escala de 5 pontos de tipo *Likert* e encontraram-se coeficientes *Alpha de Cronbach* entre .59 e .82. Sendo .59 inferior a 0.7, foi analisada a média da correlação inter-item (Pallant, 2001). Uma vez que se trata de um factor (crença na gestão positiva da incerteza) constituído apenas por dois itens e que esta média é de .43, aproximando-se dos valores recomendados (entre .2 e .4) por Briggs e Cheek (1986), podemos considerar este *Alpha* aceitável.

Resultados

Para realizar a análise entre a vinculação e incerteza, recodificaram-se as variáveis ansiedade e evitamento, formando três grupos: o de níveis baixos, o de níveis moderados e o de níveis altos. Os intervalos dos valores foram definidos com base na escala de medida. Após criadas as novas variáveis para a ansiedade e evitamento, desenvolveu-se uma variável combinada, cruzando cada uma das categorias, obtendo-se 9 combinações: níveis baixos de ansiedade e evitamento (B/B), níveis baixos de ansiedade e moderados de evitamento (B/M), níveis baixos de ansiedade e altos de evitamento (B/A), níveis moderados de ansiedade e baixos de evitamento (M/B), níveis moderados de ansiedade e de evitamento (M/M), níveis moderados de ansiedade e altos de evitamento (M/A), níveis altos de ansiedade e baixos de evitamento (A/B), níveis altos de ansiedade e moderados de evitamento (A/M) e níveis altos de ansiedade e de evitamento (A/A). Foi realizado este procedimento, uma vez que se tinha o objectivo de obter uma medida que ilustrasse, de forma combinada, os níveis de ansiedade e evitamento, mantendo, ainda assim, uma abordagem dimensional.

Figuras Parentais - Vinculação e *coping* face à incerteza

Para a figura paterna, constatou-se um efeito principal da variável combinada sobre o *coping* com a incerteza [$F(24, 2199) = 3.13, p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.10; eta quadrado parcial = 0.03]. Quando os resultados foram analisados separadamente para cada uma das dimensões, a diferença estatisticamente significativa encontrada foi apenas relativa à incerteza emocional, sendo que, de acordo com o teste *post hoc* (Hochberg), estudantes com níveis B/B e B/M apresentam níveis significativamente inferiores face aos com níveis A/A, A/M, M/A, M/M e M/B, não se distinguindo entre si (Quadro 1).

Quadro 1

Diferenças nas subescalas da ERI, em função das combinações entre ansiedade e evitamento – Figura Paterna

Variável dependente	B/B (n = 163)	B/M (n = 174)	B/A (n = 73)	M/B (n = 60)	M/M (n = 117)	M/A (n = 74)	A/B (n = 20)	A/M (n = 40)	A/A (n = 21)	F (8, 733)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Incerteza Emocional	2.79 (0.70)	2.77 (0.66)	2.86 (0.80)	3.12 (0.61)	3.17 (0.67)	3.18 (0.63)	3.14 (0.72)	3.27 (0.66)	3.35 (0.59)	8.222**	.082	B/B < A/A*, A/M**, M/A**, M/M**, M/B*, B/M < A/A**, A/M**, M/A**, M/M**, M/B*
Desejo de Mudança	4.04 (0.53)	3.96 (0.55)	3.97 (0.59)	3.94 (0.55)	3.83 (0.57)	3.90 (0.53)	4.08 (0.48)	3.88 (0.56)	3.80 (0.49)	1.827 ^{ns}	.020	–
Incerteza Cognitiva	3.79 (0.56)	3.75 (0.52)	3.75 (0.71)	3.96 (0.52)	3.88 (0.56)	3.89 (0.55)	4.12 (0.46)	3.94 (0.58)	3.99 (0.42)	2.378 ^{ns}	.025	–

Nota. N = 742; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativo

Para a figura materna foi encontrado um efeito principal da variável combinada sobre o *coping* face à incerteza [$F(21, 2214) = 4.80, p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.13; eta quadrado parcial = 0.04]. Quando os resultados foram analisados separadamente para cada uma das dimensões, observaram-se diferenças estatisticamente significativas para todas. De acordo com o teste *post hoc* (Hochberg), estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente inferiores de incerteza emocional face aos estudantes com níveis M/M, A/B e A/M (não se distinguindo entre si) e estudantes com níveis B/M apresentam valores significativamente inferiores face aos M/B, M/M e A/B (não se distinguindo entre si). Quanto ao desejo de mudança, estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente superiores face aos de níveis M/A. No que diz respeito à incerteza cognitiva, estudantes com níveis B/B apresentam níveis significativamente inferiores face aos M/B e A/B (não se distinguindo entre si). Também os estudantes com níveis B/M apresentam valores inferiores face aos M/B e A/B (que não se diferenciam entre si) e os estudantes com níveis M/M apresentam valores inferiores face aos A/B (Quadro 2).

Quadro 2

Diferenças nas subescalas da ERI, atendendo às combinações entre ansiedade e evitamento – Figura Materna

Variável dependente	B/B (n = 283)	B/M (n = 128)	B/A (n = 27)	M/B (n = 120)	M/M (n = 77)	M/A (n = 20)	A/B (n = 58)	A/M (n = 33)	F (7, 738)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Incerteza Emocional	2.83 (0.69)	2.76 (0.66)	2.89 (0.91)	3.04 (0.72)	3.18 (0.64)	3.24 (0.50)	3.27 (0.61)	3.41 (0.58)	8.689**	.076	B/B < M/M**, A/B**, A/M**, B/M < M/B**, M/M**, A/B**
Desejo de Mudança	4.04 (0.52)	3.92 (0.61)	4.05 (0.59)	3.91 (0.54)	3.82 (0.51)	3.60 (0.57)	3.93 (0.52)	3.91 (0.54)	3.120**	.029	B/B > M/A*
Incerteza Cognitiva	3.79 (0.57)	3.68 (0.59)	4.00 (0.57)	4.00 (0.53)	3.77 (0.51)	3.84 (0.53)	4.09 (0.49)	4.01 (0.50)	5.954**	.053	B/B < M/B*, A/B**, B/M < M/B**, A/B**, M/M < AB*

Nota. N = 746; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativo

Figuras Parentais - Vinculação e as consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social

Relativamente à figura paterna, observou-se um efeito principal da variável combinada sobre as consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social [$F(24, 2199) = 2.99, p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.10; eta quadrado parcial = 0.03]. Aquando da análise separada dos resultados para cada uma das dimensões, as diferenças estatisticamente significativas encontradas foram relativas às consequências da incerteza no trabalho e a nível relacional. De acordo com o teste *post hoc* (Hochberg), estudantes com níveis B/B, B/M e B/A apresentam valores significativamente inferiores quanto às consequências da incerteza no trabalho face aos A/M. Estudantes com níveis B/B e B/M apresentam níveis significativamente inferiores relativamente às consequências da incerteza a nível relacional face aos M/A e A/M, sendo que estes não se distinguem entre si (Quadro 3).

Quadro 3*Diferenças nas subescalas da ECPPICS, atendendo às combinações entre ansiedade e evitamento – Figura Paterna*

Variável dependente	B/B (n = 163)	B/M (n = 174)	B/A (n = 73)	M/B (n = 60)	M/M (n = 117)	M/A (n = 74)	A/B (n = 20)	A/M (n = 40)	A/A (n = 21)	F (8, 733)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Consequências da incerteza no trabalho	3.01 (0.78)	2.98 (0.83)	2.89 (0.99)	3.23 (0.81)	3.25 (0.69)	3.27 (0.84)	3.38 (0.69)	3.50 (0.63)	3.38 (0.83)	4.268**	.045	B/B < A/M*; B/M < A/M**; B/A < A/M**
Consequências da incerteza a nível relacional	2.91 (0.90)	2.94 (0.91)	3.21 (0.89)	3.23 (0.80)	3.20 (0.74)	3.40 (0.79)	3.10 (0.76)	3.56 (0.56)	3.33 (0.80)	5.203**	.054	B/B < M/A**, A/M**, B/M < M/A**, A/M**
Crença na gestão positiva da incerteza	2.64 (0.77)	2.54 (0.74)	2.63 (0.88)	2.49 (0.72)	2.67 (0.80)	2.72 (0.73)	2.58 (0.83)	2.53 (0.78)	2.50 (0.77)	0.765 ^{ns}	.008	—

Nota. N = 742; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativo

Para a figura materna encontrou-se um efeito principal da variável combinada sobre as consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social [$F(21, 2214) = 3.68, p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.10; eta quadrado parcial = 0.03]. Quando os resultados foram analisados separadamente para cada uma das dimensões, as diferenças estatisticamente significativas encontradas foram relativas às consequências da incerteza no trabalho e no domínio relacional. De acordo com o teste *post hoc* (Hochberg), estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente inferiores no que respeita às consequências da incerteza no trabalho face aos A/B e estudantes com níveis B/M e B/A apresentam níveis significativamente inferiores face aos A/B e A/M (não se distinguindo estes). Por sua vez, no domínio relacional, estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente inferiores face aos de níveis M/M e A/B (não se diferenciam entre si) e os B/M apresentam níveis significativamente inferiores aos A/B (Quadro 4).

Quadro 4*Diferenças nas subescalas da ECPPICS, atendendo às combinações entre ansiedade e evitamento – Figura Materna*

Variável dependente	B/B (n = 283)	B/M (n = 128)	B/A (n = 27)	M/B (n = 120)	M/M (n = 77)	M/A (n = 20)	A/B (n = 58)	A/M (n = 33)	F (7, 738)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)				
Consequências da incerteza no trabalho	3.04 (0.81)	2.97 (0.80)	2.78 (1.16)	3.17 (0.79)	3.15 (0.83)	3.40 (0.66)	3.48 (0.69)	3.46 (0.68)	4.637**	.042	B/B < A/B **; B/M < A/B**, A/M*; B/A < A/B**, A/M*
Consequências da incerteza a nível relacional	2.93 (0.91)	3.01 (0.83)	3.31 (1.05)	3.20 (0.83)	3.37 (0.74)	3.35 (0.80)	3.48 (0.63)	3.29 (0.62)	5.595**	.050	B/B < M/M**, A/B**, BM < AB**
Crença na gestão positiva da incerteza	2.61 (0.75)	2.55 (0.75)	2.39 (0.96)	2.54 (0.76)	2.79 (0.82)	2.83 (0.73)	2.59 (0.81)	2.36 (0.74)	1.799 ^{ns}	.017	—

Nota. N = 746; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativoParceiro Romântico¹ - Vinculação e *coping* face à incerteza

Observou-se um efeito principal da variável combinada sobre o *coping* face à incerteza [$F(12, 693) = 3.07, p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.15; eta quadrado parcial = 0.05]. Aquando da análise separada dos resultados para cada uma das dimensões, a diferença estatisticamente significativa encontrada foi apenas relativa à incerteza emocional, sendo que, de acordo com o teste *post hoc* (Hochberg, estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente inferiores face aos A/B (Quadro 5).

¹ Em todas as análises efectuadas para o parceiro romântico, foram apenas consideradas as respostas dos estudantes com relacionamentos de duração superior a dois anos.

Quadro 5*Diferenças nas subescalas da ERI, atendendo às combinações entre ansiedade e evitamento – Parceiro Romântico*

Variável dependente	B/B (n = 57)	M/B (n = 83)	M/M (n = 12)	A/B (n = 72)	A/M (n = 12)	F (4, 231)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Incerteza Emocional	2.55 (0.64)	2.87 (0.70)	2.73 (0.65)	3.14 (0.61)	3.10 (0.69)	6.853**	.106	B/B < A/B**
Desejo de Mudança	3.98 (0.49)	4.01 (0.59)	4.01 (0.62)	3.93 (0.55)	3.83 (0.44)	.419 ^{ns}	.007	–
Incerteza Cognitiva	3.85 (0.48)	3.87 (0.61)	3.81 (0.55)	4.04 (0.48)	3.66 (0.47)	2.203 ^{ns}	.037	–

Nota. N = 236; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativo

Parceiro Romântico - Vinculação e as consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social

Encontrou-se um efeito principal da variável combinada sobre as consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social [$F(12, 693) = 3.59$, $p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.18; eta quadrado parcial = 0.06]. Aquando da análise separada dos resultados para cada uma das dimensões, as diferenças estatisticamente significativas encontradas foram relativas às consequências da incerteza no trabalho e a nível relacional. De acordo com o teste *post hoc* (Hochberg), estudantes com níveis B/B e M/B apresentam valores significativamente inferiores no que diz respeito às consequências da incerteza no trabalho e no plano relacional face aos estudantes com níveis A/B (Quadro 6).

Quadro 6*Diferenças nas subescalas da ECPPICS, atendendo às combinações entre ansiedade e evitamento – Parceiro Romântico*

Variável dependente	B/B (n = 57)	M/B (n = 83)	M/M (n = 12)	A/B (n = 72)	A/M (n = 12)	F (4, 231)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Consequências da incerteza no trabalho	2.76 (0.71)	3.05 (0.79)	2.87 (0.63)	3.43 (0.72)	3.02 (0.88)	6.790**	.105	B/B < A/B **; M/B < A/B *
Consequências da incerteza a nível relacional	2.89 (0.85)	2.97 (0.86)	3.39 (0.58)	3.53 (0.73)	3.28 (1.18)	6.401**	.100	B/B < A/B**; M/B < A/B**
Crença na gestão positiva da incerteza	2.42 (0.61)	2.58 (0.85)	2.46 (0.72)	2.53 (0.77)	2.54 (0.58)	.425 ^{ns}	.007	–

Nota. N = 236; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativo

Melhor Amigo - Vinculação e coping face à incerteza

Foi constatado um efeito principal da variável combinada sobre o coping face à incerteza [$F(18, 2217) = 7.91$, $p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.18; eta quadrado parcial = 0.60]. A análise separada dos resultados para cada uma das dimensões permitiu encontrar diferenças estatisticamente significativas para todas as dimensões. De acordo com o teste *post hoc* (Hochberg), estudantes com níveis B/B e B/M apresentam valores significativamente inferiores no que diz respeito à incerteza emocional face aos M/B, M/M, A/B, A/M. Estudantes com níveis M/B apresentam níveis significativamente inferiores face aos A/B e A/M, bem como os estudantes com valores M/M apresentam níveis significativamente mais baixos de incerteza emocional face aos A/B. Quanto ao desejo de mudança, estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente superiores face aos B/A. Finalmente, estudantes com níveis B/B, B/M, M/B e M/M apresentam valores significativamente mais baixos de incerteza cognitiva face aos A/B (Quadro 7).

Quadro 7*Diferenças nas subescalas da ERI, atendendo às combinações entre ansiedade e evitamento – Melhor Amigo*

Variável dependente	B/B (n = 212)	B/M (n = 115)	B/A (n = 18)	M/B (n = 157)	M/M (n = 94)	A/B (n = 94)	A/M (n = 56)	F (6, 739)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Incerteza Emocional	2.70 (0.69)	2.71 (0.67)	2.92 (0.77)	3.03 (0.61)	3.08 (0.64)	3.39 (0.63)	3.43 (0.60)	20.701**	.144	B/B < M/B**, M/M**, A/B**, A/M**, B/M < M/B**, M/M**, A/B**, A/M**, M/B < A/B**, A/M**, M/M < A/B**
Desejo de Mudança	4.05 (0.54)	3.92 (0.57)	3.58 (0.62)	3.93 (0.50)	3.90 (0.52)	3.97 (0.56)	3.86 (0.56)	3.201**	.025	B/B > B/A**
Incerteza Cognitiva	3.77 (0.60)	3.80 (0.53)	3.71 (0.66)	3.84 (0.53)	3.81 (0.53)	4.08 (0.55)	3.89 (0.52)	3.686**	.029	B/B < A/B**, B/M < A/B**, M/B < A/B*, M/M < A/B*

Nota. N = 746; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativo

Melhor Amigo - Vinculação e as consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social

Observou-se um efeito principal da variável combinada sobre as consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social [$F(18, 2217) = 7.59$, $p < 0.01$; Pillai's Trace = 0.17; eta quadrado parcial = 0.06]. A análise separada dos resultados para cada uma das dimensões permitiu encontrar diferenças estatisticamente significativas para todas as dimensões. De acordo com o teste *post hoc* (Hochberg), estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente inferiores no que diz respeito às consequências da incerteza no trabalho face aos M/B, A/B, A/M, não se distinguindo entre si. Também os estudantes com valores B/M apresentam níveis significativamente mais baixos face aos M/B, M/M, A/B e A/M (não se distinguindo entre si) e estudantes com valores B/A apresentam níveis significativamente inferiores face aos A/B. Para as consequências da incerteza no domínio relacional, estudantes com níveis B/B apresentam valores significativamente inferiores face aos B/A, M/B, M/M, A/B e A/M (que não se distinguem entre si) e estudantes com níveis B/M apresentam valores significativamente inferiores face aos M/M e A/B, não se distinguindo entre si. Por fim, estudantes com níveis B/A apresentam valores significativamente superiores ao nível da crença na gestão positiva da incerteza, por comparação aos B/B, B/M, M/B, M/M, A/B e A/M, sendo que estes não se distinguem entre si (Quadro 8).

Quadro 8*Diferenças nas subescalas da ECPPICS, atendendo às combinações entre ansiedade e evitamento – Melhor Amigo*

Variável dependente	B/B (n = 212)	B/M (n = 115)	B/A (n = 18)	M/B (n = 157)	M/M (n = 94)	A/B (n = 94)	A/M (n = 56)	F (6, 739)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Consequências da incerteza no trabalho	2.95 (0.81)	2.81 (0.83)	2.80 (0.71)	3.27 (0.80)	3.17 (0.71)	3.49 (0.75)	3.37 (0.81)	10.23 5**	.077	B/B < M/B**, A/B**, A/M**, B/M < M/B**, M/M*, A/B**, A/M**, B/A < A/B*
Consequências da incerteza a nível relacional	2.81 (0.91)	3.03 (0.89)	3.65 (0.98)	3.11 (0.79)	3.41 (0.72)	3.39 (0.73)	3.35 (0.75)	10.33 3**	.077	B/B < B/A**, M/B*, M/M**, A/B**, A/M**, B/M < M/M*, A/B*, B/A > B/B**, B/M**, M/B**, M/M*, A/B**, A/M**
Crença na gestão positiva da incerteza	2.58 (0.78)	2.49 (0.76)	3.28 (0.69)	2.61 (0.76)	2.65 (0.73)	2.56 (0.81)	2.60 (0.74)	2.912 **	.023	M/B**, M/M*, A/B**, A/M*

Nota. N = 746; EQP – Eta Quadrado Parcial; * $p < .05$; ** $p < .01$; ^{ns} - Não significativo

Discussão

Tal como formulado na primeira hipótese, estudantes com níveis baixos de ansiedade e evitamento relativamente às figuras parentais demonstram estratégias de *coping* face à incerteza mais adaptativas do ponto de vista emocional. Porém, podemos observar que a figura materna surge como sendo a que apresenta uma influência mais genérica na forma como os estudantes lidam com a incerteza, uma vez que encontramos um efeito da variável combinada para todas as dimensões. A hipótese confirma-se, assim, parcialmente. Importa, salientar que, para além dos níveis baixos de ansiedade e evitamento, também a combinação B/M parece contribuir para o desenvolvimento de estratégias de *coping* face à incerteza do ponto de vista emocional (para as figuras paterna e materna) e cognitivo (para a figura materna) mais adaptativas, sendo que esta é igualmente caracterizada por níveis baixos de ansiedade e próxima de uma organização segura da vinculação. Podemos, ainda, observar o papel dos níveis elevados de ansiedade, uma vez que as combinações que os contêm parecem evidenciar estratégias de *coping* menos adaptativas (com exceção para o desejo de mudança). Por outro lado, os resultados para a figura paterna indicam-nos que combinações com níveis altos de evitamento remetem para estratégias de *coping* menos positivas do ponto de vista emocional e os resultados para a figura materna mostram-nos que a mesma situação remete para um menor desejo de mudança. Ainda que não tenham sido encontrados dados empíricos que estabeleçam ligações entre a vinculação e as estratégias de *coping* específicas à incerteza, podemos salientar que, globalmente, estes resultados vão ao encontro da associação estabelecida por alguns autores entre a qualidade da vinculação, as estratégias de *coping* e os mecanismos de regulação emocional (Fuendeling, 1998; Greenberger & McLaughlin, 1998; Lopez & Brennan, 2000).

Relativamente à segunda hipótese, verificamos que os estudantes com níveis baixos de ansiedade e evitamento face às figuras parentais apresentam menores níveis no que diz respeito às consequências da incerteza no trabalho e no âmbito relacional. Porém, ao contrário do esperado, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas relativamente à crença na gestão positiva da incerteza (uma das possíveis explicações prende-se com o facto desta dimensão, do ponto de vista psicométrico, necessitar de ser trabalhada), pelo que a hipótese apresentada confirma-se apenas parcialmente. Por outro lado, mais uma vez verificamos que a combinação B/M remete, igualmente, para menores níveis no que diz respeito às consequências da incerteza no trabalho e relacional. É ainda de salientar que estudantes com níveis B/A tendem, igualmente, a desenvolver menos preocupações no que diz respeito à temática emprego/desemprego. Sendo que tal combinação remete para uma organização desinvestida, podemos antecipar que estes estudantes possam estar a desvalorizar dificuldades e situações ameaçadoras ou geradoras de stress, de acordo com o que Bowlby (1969/1982, 1988) designou de *compulsive self reliance*. Podemos também verificar o papel dos elevados níveis de ansiedade, uma vez que as combinações que os contêm evidenciam níveis mais elevados no que se refere às consequências da incerteza no trabalho e no plano relacional. Para além disso, os resultados para a figura paterna revelam-nos que a combinação M/A

(níveis altos de evitamento) apresenta valores mais elevados ao nível das consequências da incerteza no domínio relacional. De um modo geral, os resultados permitem-nos inferir acerca da influência que a segurança destes laços parece ter na vivência das consequências psicológicas da incerteza, contribuindo para um modo mais construtivo de lidar com desafios que são colocados aos jovens adultos (Matos, 2002).

Tal como formulado na terceira hipótese, estudantes com níveis baixos de ansiedade e evitamento face ao parceiro romântico demonstram respostas emocionais à incerteza mais adaptativas quando comparados com os estudantes que apresentam níveis A/B (sublinhando-se o papel dos altos níveis de ansiedade nesta combinação). No entanto, a hipótese confirma-se apenas parcialmente, pois ao contrário do sugerido, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para as restantes dimensões. Assim e, por comparação com os resultados relativos à figura materna, esta surge como sendo a que apresenta um impacto mais transversal na forma como os estudantes lidam com a incerteza. Ainda assim, o resultado encontrado vai ao encontro da revisão empírica de Rice, Lopez e Vergara (2005), segundo a qual, a qualidade da vinculação ao par romântico parece ser preditora de estratégias de *coping* mais adaptativas.

Quanto à quarta hipótese, verifica-se que estudantes com níveis baixos de ansiedade e evitamento na vinculação ao parceiro romântico demonstram menores níveis no que diz respeito às consequências da incerteza no trabalho e no plano relacional, quando comparados com a combinação A/B. Tal pode ser lido à luz de alguns estudos que nos indicam que indivíduos com elevados níveis de ansiedade face ao parceiro romântico tendem a reagir a situações geradoras de stress com maior angústia (Feeney & Kirkpatrick, 1996; Mikulincer & Florian, 2001). Para além dos níveis baixos de ansiedade e evitamento, também os níveis moderados de ansiedade (combinados com baixos níveis de evitamento) parecem traduzir uma vivência menos negativa das consequências da incerteza. Assim, a hipótese é confirmada parcialmente, adicionando o facto de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas para a crença na gestão positiva da incerteza. Embora não tenha sido encontrada investigação que estabeleça ligações entre a segurança ao nível da vinculação e as consequências psicológicas que advêm da percepção da incerteza no contexto social e relacional, estes resultados parecem ir ao encontro de associações observadas entre esta segurança e um funcionamento adaptativo em momentos geradores de stress, bem como com percepções positivas do *self* e dos outros (Mikullincer & Florian, 1998).

Relativamente à quinta hipótese, esta é parcialmente confirmada. De facto, estudantes com baixos níveis de ansiedade e evitamento para o melhor amigo apresentam estratégias de *coping* face à incerteza mais adaptativas do ponto de vista emocional e cognitivo e maior desejo de mudança. No entanto, também se constatou que outras combinações evidenciam níveis mais baixos de incerteza emocional e cognitiva. Porém, são combinações com valores baixos ou moderados de ansiedade e nenhuma apresenta altos níveis de ansiedade. Tal como exposto para as figuras anteriores, antecipamos que os elevados níveis de ansiedade poderão estar relacionados com estratégias de *coping* menos adaptativas (como será exemplo a combinação

A/B, que remete para valores mais elevados de incerteza cognitiva). É também importante salientar que a combinação B/B traduz níveis de incerteza emocional mais baixos do que as combinações M/B e M/M. Relativamente ao desejo de mudança, estudantes com níveis B/A apresentam um menor interesse pela incerteza e novidade quando comparados com estudantes com níveis B/B. Remetendo para uma organização desinvestida da vinculação e, tal como já discutido anteriormente, sugerimos que estes estudantes estejam a minimizar situações que antecipam como sendo ameaçadoras, como poderá ser o caso do desejo e gosto pela mudança e novidade. A investigação tem-nos indicado que este evitamento pode contribuir para a supressão de pensamentos que são considerados dolorosos ou ameaçadores para os indivíduos (Mikulincer & Horesh, 1999). Atendendo aos resultados encontrados para as diferentes figuras, podemos considerar que, quer a figura materna, quer o melhor amigo, parecem ser as que apresentam um impacto mais transversal e genérico na forma como os estudantes respondem à incerteza.

A última hipótese é parcialmente confirmada. Efectivamente, estudantes com baixos níveis de ansiedade e evitamento para o melhor amigo apresentam menos preocupações face ao emprego/desemprego, bem como valores mais baixos quanto às consequências da incerteza em termos relacionais. Também aqui a combinação B/M remete para níveis inferiores nas mesmas dimensões. Por outro lado, importa salientar o papel que a combinação B/A (que remete para uma organização desinvestida) assume para as consequências da incerteza no trabalho e para a crença na gestão positiva da incerteza. À semelhança do já discutido para as figuras parentais, podemos antecipar que estes estudantes estejam a desvalorizar situações geradoras de stress, à luz do que Bowlby (1969/1982, 1988) definiu como sendo o *compulsive self reliance*. É também pertinente o resultado encontrado para a crença na gestão positiva da incerteza, já que não tinham sido encontradas diferenças significativas nas restantes figuras. Propomos que estes resultados possam traduzir “pseudo-crenças”, como forma de minimização da ameaça subjacente a uma situação imbuída de incerteza. Note-se, por fim, o facto das combinações caracterizadas pelos valores mais elevados de ansiedade traduzirem uma vivência menos positiva das consequências psicológicas da percepção da incerteza no contexto social. Tal como já referido, esta figura, a par da materna, é a que revela um impacto mais transversal na forma como os estudantes vivenciam a incerteza. Os resultados indicam a relevância da qualidade do laço estabelecido com o melhor amigo na forma como os estudantes experienciam as consequências das novas formas de incerteza, indo ao encontro de alguns estudos que demonstram a importância dos pares enquanto figuras de vinculação, perspectivados como fonte de confiança e de apoio emocional para os jovens adultos (Doherty & Feeney, 2004).

Considerações finais

Os resultados demonstram a importância das relações de vinculação de qualidade mais securizante quando os estudantes se confrontam com situações imbuídas de incerteza. Ainda que de forma exploratória, podemos reflectir acerca do facto de o melhor amigo e figura materna, revelarem um impacto mais genérico na forma

como os estudantes experienciam a incerteza. No que diz respeito às actuais relações amorosas, estas revelam uma profunda transformação, notando-se a influência de mecanismos culturais que as regulam. Tal parece ter impacto na forma como as pessoas se relacionam afectivamente, à luz do que Bauman (2003/2004) propõe como sendo o “amor líquido” e, como tal, dotado de menor sentido de compromisso e de maior fragilidade. Já as relações estabelecidas com o melhor amigo e com a figura materna parecem não estar ainda contaminadas por estes mecanismos regulatórios. La Guardia, Ryan, Couchman e Deci (2000) indicam, justamente, que jovens-adultos tendem a reportar mais segurança na vinculação ao melhor amigo, do que ao par romântico. Uma das explicações que propuseram prende-se com a duração breve destes relacionamentos. Contudo, no presente estudo, foram apenas consideradas as respostas dos estudantes com relacionamentos superiores a dois anos, o que faz questionar aquela interpretação. Já no que diz respeito à figura paterna, colocámos a hipótese de esta estar ainda associada, de forma cultural, à representação de autoridade, herdando o estereótipo tradicional de género.

Neste estudo procurámos atender à interacção entre as raízes individuais/psicológicas da incerteza e as sociais/políticas, não as segmentando. Tal é pertinente ao nível da intervenção psicológica, já que a génese sociocultural da incerteza influencia a experiência quotidiana dos indivíduos (Coimbra, 2005), sendo necessário explorar as estruturas sociais e culturais que a condicionam e, ao nível da intervenção, integrar aspectos culturais e políticos que interferem nas narrativas dos indivíduos. Considerando, especificamente, o estudante do ensino superior, este confronta-se com situações de incerteza associadas à sua transição para o mercado de trabalho, que remetem para fontes sociais relacionadas com as características do mesmo: imprevisível, em constante mudança, incerto, inseguro e escasso. Tais características assumem importante impacto no processo de construção dos seus projectos de vida e percursos profissionais. Estes lidarão por mais tempo com situações assimiláveis à incerteza, condicionadas socialmente, que deverão ser integradas ao nível da intervenção, por oposição a programas/pacotes apenas centradas nas chamadas “competências de empregabilidade”, focadas nos recursos pessoais e, muitas vezes, alheias às forças sociais e políticas que interferem nos processos de integração profissional. Por sua vez, a teoria da vinculação foi perspectivada, neste estudo, como estabelecendo relações significativas entre aspectos psicológicos e sociais do comportamento humano, desempenhando um papel fundamental no que diz respeito à compreensão da construção de relações sociais e de nós próprios enquanto seres sociais (Marris, 1991). Assim sendo, é fundamental enquadrar a relação que o estudante estabelece com os sistemas sociais e não considerar apenas, ao nível da intervenção, o sistema individual.

Referências bibliográficas

- Azevedo, J. (1999). *Voos de borboleta. Escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições Asa.
- Bauman, Z. (2001/2009). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Bauman, Z. (2003/2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss*, Vol. 1: *Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol.2: *Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*, Vol.3: *Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.
- Briggs, S. R. & Cheek, J. M. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality*, 54 (1), 106-148. doi: 10.1111/j.1467-6494.1986.tb00391.x
- Casanova, M., Pacheco, L., & Coimbra, J.L. (2010). *New Forms of Uncertainty in the Individualized Society: Adaptation and Validation of the Uncertainty Response Scale (URS, Greco & Roger, 2001) to Portuguese Population and the Creation of a Scale on the Perception of Uncertainty in the Social Context and its Psychological Consequences*. Comunicação apresentada no Congresso Competing Values in an Uncertain Environment: Managing the Paradox - International Society for the Study of Work and Organizational Values. Estoril: ISSWOV.
- Coimbra, J. L. (2005). Subjective perceptions of uncertainty and risk in contemporary societies : Affective-educational implications. In I. Menezes, J. L. Coimbra & B. P. Campos (Eds.), *The affective dimension of education: European perspectives* (pp. 3-12). Porto: Centro de Psicologia da Universidade do Porto.
- Doherty, N. A., & Feeney, J. A. (2004). The composition of attachment networks throughout the adult years. *Personal Relationships*, 11(4), 469-488. doi:10.1111/j.1475-6811.2004.00093.x
- Feeney, B. C., & Kirkpatrick, L. A. (1996). Effects of adult attachment and presence of romantic partners on physiological responses to stress. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(2), 255-270.
- Fraley, R. C., Waller, N., & Brennan, K. (2000). An Item Response Theory Analysis of Self-Report Measures of Adult Attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 350-365. doi:10.1037//0022-3514.78.2.350
- Fuendeling, J. M. (1998). Affect regulation as a stylistic process within adult attachment. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 291-322.
- Gonçalves, C., & Coimbra J. L. (2000). Como construir trajetórias de vida em tempos de caos e imprevisibilidade. In A. R. Sánchez & M. V. Fernández (Eds.), *O reto da converxencia dos sistemas formativos e a mellora da calidade da formación* (pp. 209-224). Santiago de Compostela: Ed. Santiago da Compostela.
- Greco, V., & Roger, D. (2001). Coping with uncertainty: The construction and validation of a new measure. *Personality and Individual Differences*, 31(4), 519-534. [doi:10.1016/S0191-8869\(00\)00156-2](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00156-2)
- Greenberger, E., & McLaughlin, C. S. (1998). Attachment, coping, and explanatory style in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 27(2), 121-139.
- La Guardia, J. G., Ryan, R. M., Couchman, C. E., & Deci, E. L. (2000). Within-person variation in security of attachment: A self-determination theory perspective on attachment, need fulfillment, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 367-384.
- Lopez, F. G., & Brennan, K. A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organization: toward an attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, 47(3), 283-300. doi:10.1037/0022-0167.47.3.283
- Marris, P. (1991). The social construction of uncertainty. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 77-90). London, N.Y.: Routledge.

- Marris, P. (1996). *The politics of uncertainty: Attachment in private and public life*. London: Routledge.
- Martins, A. (in press). *Lieben und Arbeiten: jovens adultos, vinculação e trabalho*. Tese de doutoramento não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Tese de doutoramento. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1998). The relationship between adult attachment styles and emotional and cognitive reactions to stressful events. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 143–165). New York: Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (2001). Attachment style and affect regulation: Implications for coping with stress and mental health. In G. Fletcher & M. Clark (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: Interpersonal Processes* (pp. 537-557). Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Mikulincer, M., & Horesh, N. (1999). Adult attachment style and the perception of others: The role of projective mechanisms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 1022–1034.
- Pallant, J. (2001). *SPSS: Survival manual*. Buckingham: Open University Press.
- Rice, K. G., Lopez, F. G., & Vergara, D. (2005). Parental/Social influences on perfectionism and adult attachment orientations. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(4), 2005, 580-605.
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In R.J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The anatomy of love*. New Haven, CT: Yale University Press.